

Meu corpo é meu lugar de fala Entrevista com Lubi Prates

Téssia Gomes Carneiro *

Mestrado Profissional em Mestrado Profissional em Prestação Jurisdicional pela Universidade Federal do Tocantins, Brasil(2015). Defensora Pública do Defensoria Pública do Tocantins , Brasil.

 <https://orcid.org/0000-0002-6481-1430>

Eliane Cristina Testa **

Doutorado em Comunicação e Semiótica (PUC/SP, 2015), Mestrado em Estudos Literários (UEL/PR, 2002). Licenciada em Letras pela FAFIPA (1999). Docente da universidade Federal do Tocantins (UFT/ Câmpus de Araguaína), no Curso de Letras (graduação) e no Programa de Pós-graduação em Língua e Literatura - PPGL.

 <https://orcid.org/0000-0003-0863-4297>

Recebido em 21 jan. 2020. **Aprovado** em: 15 mar. 2020.

Como citar esta entrevista:

CARNEIRO, Téssia Gomes; TESTA, Eliane Cristina. “Meu corpo é meu lugar de fala”: entrevista com Lubi Prates. *Revista Letras Raras*, [S.l.], v. 9, n. 1, mar. 2020. p. 214-219. ISSN 2317-2347, UFCG: Campina Grande, 2020.

É na condição de mulher negra e de escritora, que a poeta Lubi Prates tem participado de viagens e festivais, trazendo, principalmente, a questão racial à luz do cenário nacional. Mediou em 2019, o Clube de Leitura Antirracista e organizou o ciclo de diálogos *Poesia Insubmissa*, e o ciclo de debates *O negro como narrador*, tudo para que vozes negras fossem erguidas no papel central de suas narrativas, assumindo assim, uma subjetividade singular, daqueles que falam por si e com isso repudiam os estereótipos negativos repetidos cotidianamente. A potência de seu trabalho também é vista em sua obra *um corpo negro* (2018, traduzida para o inglês, espanhol e francês), que foi indicada para o 61º Prêmio Jabuti e a 4ª edição do Prêmio Rio de Literatura. Sua plaquete *permanece*, (2018) foi republicada em 2019 e contemplou a lista dos melhores livros do ano, ao resgatar a experiência do amor entre pessoas

*

 tessiagomes@hotmail.com

**

 poetisalia@gmail.com

 <http://dx.doi.org/10.35572/rlr.v1i9.1717>

negras, roubado no período de escravização. E ainda, entrecruzando suas “escrivências” com outras poetisas negras reuniu na antologia *Nossos poemas conjuram e gritam* (2019), sete nomes fortes da atualidade: Conceição Evaristo, Esmeralda Ribeiro, Neide Almeida, Nina Rizzi, Jarid Arraes, Natasha Felix e Lívia Natália, num belo trabalho de “contranarrativas”, que exalta a força literária daquelas que brilham e lutam em prol de raça, classe e gênero.

Entrevistadoras: Lubi Prates, você é poeta, editora e tradutora. Poderia nos contar como e quando sua história literária começou?

Lubi Prates: Minha relação com a poesia iniciou na adolescência, durante o Ensino Médio. Eu sempre vi minha irmã lendo muito, super compenetrada, e isso fez nascer um mistério em mim: "o que a prende ali?". Depois que ela terminava os livros, eu sempre lia também, embora os gêneros - romance, suspense - não me agradassem. Foi a partir daí que quis buscar algo que falasse comigo. Passava horas na biblioteca do bairro escolhendo o que ler. Assim, a poesia me encontrou. Junto com a matéria de Literatura, na escola. Li muitas pessoas... E muitas pessoas brancas que, de alguma maneira, serviram como "modelo" da minha escrita. Escrevo desde que comecei a ler poesia com mais regularidade. Com o "boom" dos blogs que houve em 2004, comecei a publicar o que eu escrevia... Primeiro, contos e prosas, depois, me fixei na escrita de poemas. A publicação do que eu escrevia, marcou uma fase muito boa: de vínculo com pessoas que também escreviam e de uma nova percepção sobre o que eu produzia. Considero a publicação um movimento de coletividade muito importante, não acho que basta escrever, precisamos ser conhecidos como escritores. É uma questão de representatividade. Quando comecei a escrever, isso não me preocupava, não tinha referências negras para me basear. Depois do blog e de publicação em revistas e antologias, em 2012, consegui organizar meu primeiro livro, *coração na boca*. Em 2016, veio o *triz*. Mas só em 2018, com *um corpo negro*, eu senti que estava falando com a minha própria voz. Ao longo dessas publicações, fui entendendo meu lugar individual e social e isso me deu um novo sentido para a poesia e para o que eu publicava.

Entrevistadoras: O que a poesia significa para você?

Lubi Prates: É minha forma de estar no mundo, não apenas de me expressar. Me expressar se limita a "colocar algo no mundo". Mas eu também quero sentir, ouvir e entender como esse mundo externo fala comigo.



Entrevistadoras: Na antologia *Nossos poemas conjuram e gritam* (2019), você reúne sete poetisas negras brasileiras. Poderia nos dizer como se deu a escolha dos nomes?

Lubi Prates: Eu acredito que o lugar de uma/um curadora/curador, editora/editor é um lugar de muita responsabilidade. E hoje, felizmente, com as lutas por representatividade, se exige mais dessas figuras, que de alguma maneira, guiam ao que será consumido. Sendo uma mulher negra, tendo o passado que eu tenho, de total ausência de referências negras e sabendo que somos a maioria da população brasileira (embora ainda estando presentes em espaços sociais muito específicos de subalternação), não consigo desconsiderar, nas atividades que executo, uma busca por equidade. A antologia tinha o direcionamento de ser uma publicação de poetisas negras, então, fiz questão de reunir, nesse primeiro volume, mulheres negras de gerações, classes econômicas, territórios, orientações sexuais e estéticas diversas, porque não há apenas uma maneira de "ser negra", "ser poeta negra", somos muitas. Acabou que tivemos nesse projeto algumas das principais poetisas negras da atualidade: Conceição Evaristo, Esmeralda Ribeiro, Neide Almeida, Nina Rizzi, Jarid Arraes e Natasha Felix. Minha meta agora é continuamente, ir enriquecendo esse projeto.

Entrevistadoras: Seria possível dizer que você, como mulher negra, entrecruza suas "escrevivências" com outras poetisas negras?

Lubi Prates: Sem dúvida! Isso acontece quando leio outras mulheres, quando estou em troca, ministrando oficinas de escrita poética para mulheres negras. Para a minha escrita, a troca é fundamental: poder falar, ser ouvida, ouvir.

Entrevistadoras: Lubi, como vê a produção literária no Brasil?

Lubi Prates: Embora a produção literária no Brasil me pareça bastante ampla e variada - com diversas pessoas se autorizando a escrever, creio que ainda seguimos dando visibilidade para as mesmas pessoas: em sua maioria homens cis, branco, hétero, da região sul ou sudeste do país. Algo que só se explica sabendo que vivemos numa estrutura racista e sexista. Mas apesar disso, de sabermos que ainda demorará para que pessoas que não participem dos grupos sociais favorecidos tenham a mesma visibilidade e respeito por suas produções, há ações que escapam a essa lógica e são referências, como são os casos dos *Cadernos Negros* e das editoras Malê e padê editorial.



Entrevistadoras: Você poderia nos dizer quais as/os principais poetas lhe tocam o corpo/alma?

Lubi Prates: Há alguns anos tenho me reeducado, tenho me preocupado em ler coisas além das que são estabelecidas pelo cânone literário. Me faz feliz poder ler poetas que eu encontro, com quem eu possa tomar um café e conversar. Algumas/alguns poetas se tornaram referências, para mim, como Cuti, Conceição Evaristo, Miriam Alves, Ele Semog... e tem aquelas/aqueles que são mais próximas/próximos, em leitura e amizade, pois compartilhamos a mesma geração: André Capilé, Júlia de Carvalho Hansen, Carla Kinzo, Nina Rizzi, Bruna Mitrano, Lívia Natália, Jarid Arraes, entre outras/outros.

Entrevistadoras: Para você o empoderamento da mulher negra pode se dar por meio das palavras? Como você vê/sente a palavra?

Lubi Prates: Eu não acredito em empoderamento como ele é vendido atualmente. Principalmente, quando tentam aplicá-lo às vivências de mulheres negras. Isso porque sabemos que o poder está nas mãos de pouquíssimas pessoas e envolve muito mais do que a confiança em si mesma, além do fato de as mulheres negras estarem na base da estrutura social. Agora, no que eu acredito mesmo é na palavra, na possibilidade de se expressar para romper o silenciamento que nos é imposto. A Lélia Gonzalez disse: "agora o lixo vai falar e numa boa", quando ela fala por si mesma, ela sai da condição de lixo, de quem é dito por outra pessoa. Esse movimento eu considero fundamental.

Entrevistadoras: Lubi, adentrar em sua produção literária seria fazer um mergulho em que mundo (s)?

Lubi Prates: São fragmentos de mundos... Não acho que nenhuma produção ou nenhuma palavra consiga dar conta de tudo. Acho que minha produção traz pedaços do meu próprio mundo, do mundo das mulheres, do mundo das pessoas negras, mas não explica nenhum destes mundos completamente.

Entrevistadoras: Você é considerada uma das vozes potentes da poesia contemporânea brasileira. Como tem sido seu grito e sua luta diária nas batalhas travadas?

Lubi Prates: Reconheço que cheguei, quando comecei a publicar, com os caminhos já abertos por outras/outros escritoras/escritores negras/negros. Sou extremamente grata por quem me



antecedeu. Hoje, eu sou a continuação da luta para que quem venha, depois de mim, encontre os caminhos pavimentados, para que não precise lutar para que tenha o direito de escrever e publicar. A minha luta tem um sentido coletivo.

Entrevistadoras: Lubi, sabemos que sua obra *um corpo negro* (2018) foi finalista do 61º Prêmio Jabuti e está finalista da 4ª edição do Prêmio Rio de Literatura. Qual a importância de expressar o seu lugar de fala?

Lubi Prates: É bastante complexo falar sobre isso, embora o que eu pense sobre essas tensões esteja presente no *um corpo negro*. Por um lado, me alegra muito ter um livro que trata sobre as questões raciais, ser finalista de dois dos principais prêmios literários nacionais. Mas não é suficiente. No caso do Jabuti, entre os 10 finalistas, só havia eu e Luna de negras. Quando houve a seleção para a fase final, fecharam a lista apenas com poetas brancas/brancos. Obviamente, os critérios para premiação de uma obra são subjetivos - não deveriam ser, mas os critérios sociais me parecem reforçar o que já sabemos muito bem: os limites para a visibilidade de negras/negros. Querem nos fazer acreditar que as/os escritoras/escritores negras/negros que recebem algum destaque são as exceções, mas quando se conhece mais profundamente a produção contemporânea, sabemos que não é verdade. A necessidade de ter pessoas negras nos júris, curadorias e editoras é outra coisa sobre a qual precisamos pensar.

Entrevistadoras: Como tem sido os ciclos de debates *Poesia Insubmissa: diálogos*, do qual você é co-curadora?

Lubi Prates: No meio de 2019, recebi o convite do Hélio Menezes, então curador de Literatura do Centro Cultural São Paulo, para pensar junto com ele uma agenda de poesia para o espaço. Assim, de junho a novembro, pensamos oito encontros com 16 dos principais poetas destes tempos, que produzem uma poesia que, realmente, não se submete ao esperado por uma tradição canônica. É interessante e necessário trazer a poesia para o centro do debate e proporcionar espaço onde poetas possam falar sobre o que atravessa sua escrita. Está previsto que o ciclo continue em 2020, já reiniciando em fevereiro.

Entrevistadoras: Fale sobre o lançamento da plaquete *permanece*, (2019), que traz como tema o amor.



Lubi Prates: *A permanece*, foi lançada em abril, pela nosotros, editorial do qual sou sócia-fundadora. Quando a tiragem esgotou e com todo o burburinho causado pelo *um corpo negro* que, felizmente, me deu e me dá bastante trabalho, decidi contar com a Quêlônio - que já conhecia o projeto, para republicá-la. Foi relançada, então, em outubro, junto com a antologia *Nossos poemas conjuram e gritam*. *A permanece*, não fala apenas sobre amor, no sentido amplo, fala sobre amor entre pessoas negras. A experiência de amar e de ser amada foi nos roubada durante o período de escravização. Estamos resgatando e redescobrimo nossos afetos mais positivos. Por trazer a questão racial, novamente, como norteador de um livro, como é com *um corpo negro* (e como só poderia ser, tendo em vista que sou negra e todas minhas experiências são atravessadas por isso), me surpreendeu vê-la nas listas de melhores livros do ano de 2019.

Entrevistadoras: E por último, conte-nos se há novos livros e/ou projetos vindo por aí.

Lubi Prates: Atualmente, tenho me dedicado aos processos de tradução e publicação do *um corpo negro*. Está previsto para que ele seja publicado e lançado em março/20 na Argentina, Colômbia e Estados Unidos (eng/spa); em maio de 2020 na Argentina (spa/por) e em outubro de 2020 na França (fra/por). Também tenho testado novas formas de escrita e de expressão da poesia. Não tenho planos de publicar outro livro, no momento.

Agradecemos a disponibilidade e contribuição de Lubi Prates na entrevista.

